



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 89

Dentro da noite

Branca Vianna: Tá começando o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

E essa semana, a gente tá mergulhando nas trevas. E antes que você desligue o episódio –, esse não é um alerta de conteúdo. Eu só tô dizendo que as duas histórias que a gente tem hoje se passam no escuro da noite. Literalmente, e figurativamente também. A primeira história se passa na solidão de uma calçada noturna. E quem conta é a Flora Thomson-DeVeaux.

ATO 1 - TODA NOITE, ELA ESTAVA LÁ

Flora Thomson-DeVeaux: Tudo começou com um convite.

Mel Rosário: Eu estava dentro de uma padaria, e lá uma senhora ela me convida para visitar a igreja dela. Aí outro dia encontrei de novo. Ela me convida de novo. Aí eu falei assim: “Tá! Qualquer dia eu vou.” Ela: “Não, me dá seu endereço, eu vou lá te buscar”. Aí ela foi no salão me buscar a primeira vez de carro, né... Fui na igreja a primeira vez. Aí ela foi de novo no salão me buscar pra ir mais vezes. Na terceira, na quarta vez, ela falou assim: “Olha, agora você já está bem ambientada, eu não preciso mais te buscar”.

Flora Thomson-DeVeaux: Essa é a Mel.

Mel Rosário: Meu nome é Mel Correia Rosário, conhecida como Mel Rosário.

Flora Thomson-DeVeaux: A Mel é cabeleireira, tem um brechó, e cuida da mãe dela.

Mel Rosário: Moro em Vitória, Espírito Santo.

Flora Thomson-DeVeaux: E no começo dos anos 2010, ela começou a frequentar a Assembleia de Deus Nova Aliança, ali no centro de Vitória.

Mel Rosário: Só que o tempo foi se passando... e eu fui sentindo que eu fui incomodando, por eu ter os trajes, trajada como mulher, e cabelo comprido... Eles me chamavam de “ele”, e pelo nome de Robson, que é o meu nome de batismo, não aceitavam de forma nenhuma me chamar de Mel.

Flora Thomson-DeVeaux: A igreja tinha trazido a Mel pra dentro. Tinha chamado ela pra fazer parte da comunidade. Mas aí começou outro tipo de investida.

Mel Rosário: E o pastor, vendo que eu não cortava o cabelo, não usava roupa de homem, ele falava comigo: “Você, para ficar aqui, você tem que tomar a posição de homem”. Eu disse assim: “Meu filho, só se eu for nascer de novo, que eu não sei ser homem”.

Flora Thomson-DeVeaux: Ao que parece, nem o pastor aceitou essa negativa, nem a Mel levou a ordem muito a sério.

Mel Rosário: Eu não levei isso a ferro e fogo. Eu continuei indo pra igreja como se nada tivesse acontecendo.

Flora Thomson-DeVeaux: Só que tava acontecendo uma coisa.

Mel Rosário: Queriam fazer, vamos dizer assim, cura gay.

Flora Thomson-DeVeaux: A chamada “cura gay” é ilegal no Brasil desde 1999. Mas, ao longo dos anos, várias entidades têm oferecido serviços nesse sentido, usando tudo quanto é tipo de técnica. No caso dessa igreja, segundo a Mel, era assim:

Mel Rosário: Eles me botavam na rodinha pra tentar ver se manifestava algum espírito que – supostamente demônio, pomba gira, não sei, qualquer coisa, espírito! Aí só que eles ficavam: “Sai, sai, sai,

sai, sai" – com os espíritos, achando que tinha espírito que me usava para ser homossexual. Só que não saía nada, né?

Flora Thomson-DeVeaux: Não sei como era pra Mel nessas horas. Como era a sensação de estar nessa roda. Quando conversei com ela, ela já tava bem tranquila.

Mel Rosário: Porque eu já tinha consciência de que não era demônio.

Flora Thomson-DeVeaux: De novo, eles tinham chegado num impasse. A Mel sabia que não tava possuída. Mas eles tinham a convicção de que ela tava.

Mel Rosário: E eles constantemente tentando expulsar demônios.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas aí, em algum momento, essas tentativas de exorcismo teriam tomado um rumo mais sinistro. *(E olha que tentativa de exorcismo pra acabar com a transexualidade já não é exatamente tranquila, né?)*

Mel Rosário: Aí começava: "Deus vai te matar, capeta, Deus vai te matar, capeta!" Dizendo que eu era o capeta e que Deus iria me matar, tirar minha vida, já que eu não aceitava a transformação. Supostamente, né, Deus ia me matar no meio de todo mundo.

Flora Thomson-DeVeaux: A Mel não morreu, obviamente. Mas a situação tava ficando insustentável. E aí chegou uma noite em 2015. A igreja alegou que, nessa noite, ela tava tumultuando, querendo pregar no lugar do pastor. Já a Mel diz que ela recebeu o Espírito Santo.

Mel Rosário: E pra eles sempre acharam o horror, o horror, o horror. Eu, sendo travesti, como mulher trans, falar em línguas estranhas pra eles era um horror. Então eles achavam que era demônio.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu procurei a igreja pra ouvir o lado deles – e até pra pedir gravações desses cultos... mas eles não me responderam. Mas o que dá pra falar é que, naquela noite, a Mel foi expulsa.

Mel Rosário: Aí me arrastaram, saíram me pegando um na perna, outro na outra perna, um no braço, outro. E depois no outro dia eu estava lá na igreja. Na porta da igreja. Aí começou o meu cartaz como protesto.

Flora Thomson-DeVeaux: Você lembra como foi esse primeiro cartaz?

Mel Rosário: Ai, tem tanto tempo. Foram tantos cartazes, tantos, tantos, tantos, tantos, tantos, tantos...

Flora Thomson-DeVeaux: Uma história começou no dia em que a Mel recebeu aquele convite pra entrar na igreja. E uma outra história começou na noite que ela foi tirada de lá.

Tati Franklin: A Mel, ela é uma figura conhecida aqui na cidade, assim. Esse protesto dela, ela faz desde 2015...

Flora Thomson-DeVeaux: Essa é a Tati Franklin. Ela ficou sabendo da Mel mais ou menos nessa época, junto com a Suellen Vasconcelos.

Suellen Vasconcelos: O caso dela ficou muito repercutido aqui em Vitória, na TV, jornais e tal. Ela vai pra frente da igreja e segura os cartazes com algumas frases.

Flora Thomson-DeVeaux: A escolha do cartaz foi estratégica.

Mel Rosário: Eu não ia afrontá-los. Ficar lá com o microfone, ficar falando, nem ficar lá igual doida gritando, porque eles iam falar bem assim, ó, passar e falar assim: "Essa daí tá doida, né?" Aí quando eu era criança, a minha avó, ela me ensinou a fazer as letras em pauta dupla. Como minha avó podia imaginar, né? Que um dia eu ia precisar daquilo.

Suellen Vasconcelos: Todo mundo que mora no centro, naquela rua – que passa por aquela rua conhece a Mel. É uma ruazinha bem pequenininha, e não tem como você não ver, se você passa por ali. Mas para além disso, ela é uma figura muito popular, assim, ali no centro da cidade, no centro de Vitória.

Flora Thomson-DeVeaux: Em 2015, a Mel apareceu num curta chamado "Eu, Mulher", em que várias mulheres trans contaram histórias de vida – delas e de outras mulheres. E, nesse curta, a Mel contou a história da expulsão da igreja.

***Mel Rosário:** Ele gostaria que eu cortasse meu cabelo, usasse a calça de homem, me trajasse como homem e andasse como homem. Só que eu estaria sendo hipócrita. Que mudança seria essa? Seria uma mentira.*

Flora Thomson-DeVeaux: Depois de conhecer a Mel num festival de cinema, a Tati e a Suellen, junto com um amigo delas, o Thiago Moulin, começaram a acompanhar

a vigília da Mel. O filme que eles fizeram se chama “Toda noite estarei lá”. No documentário, dá pra ver a Mel pintando os cartazes dela, pintando a casa dela com frases bíblicas, pintando o cabelo da mãe dela...

Mel Rosário: *Ela está com vergonha de você.*

Mãe da Mel: *Vou tirar a mão, não.*

Mel Rosário: *Ela está com vergonha que eu estou pintando o cabelo dela.*

Flora Thomson-DeVeaux: Tem um equilíbrio bonito entre o embate com a igreja e o dia-a-dia da Mel. Ela não se resume a essa briga. Mas esse encontro com a igreja dá o ritmo ao filme.

Nos cartazes, com a letra firme e grande, a Mel pinta frase atrás de frase. Noite atrás de noite.

“Apocalipse: Pastor proíbe transexual entrar na igreja”.

“O que é amar? Você tem amor?”

“Eu quero entrar na igreja de Deus”.

“Homem mau arrependa-se”.

“Sua balança falsa é abominação. Mas você não ficará impune. Eu creio”.

“Sua trindade está dormindo. Grite + alto”.

O protesto ia rolar...

Mel Rosário: Até que a porta se abrisse.

Flora Thomson-DeVeaux: A Mel ficava lá, na porta, em silêncio, durante o culto todo. Durava umas duas horas. E tinha bastante culto.

Mel Rosário: Domingo, terça, quarta, quinta e sexta. Aí eu ia em todos.

Flora Thomson-DeVeaux: Não foi uma grande mudança de rotina pra ela. Ela já ia mesmo. Só que agora, ela ia do lado de fora.

Eu fiquei pensando no propósito desse protesto. Você tem dois públicos: o pessoal que tá entrando e saindo da igreja, que em muitos casos já julgou sua causa...

e tem também o pessoal que tá passando na rua. Era mais fácil o pessoal passando na rua simpatizar com a causa, em princípio. Mas o foco da Mel tava nos fiéis.

Mel Rosário: Eu uso a Bíblia contra eles, já que eles querem usar essa parte contra mim.

Flora Thomson-DeVeaux: Ou seja: já que é pra seguir a Bíblia à risca, tem um monte de gente que tá no erro, né? Então ela usava os princípios bíblicos pra apontar essa hipocrisia.

Só que, acompanhando tudo isso ali, a Tati e a Suellen ficavam meio desconcertadas com a abordagem da Mel.

Suellen Vasconcelos: Você vê o cartaz: "Deus odeia o divórcio" – e fala: "Meu Deus, o que é isso, Mel?"

Mel Rosário: Cansei de colocar muitas vezes, muitas vezes: "Divórcio é pecado".

Suellen Vasconcelos: E aí ela explica. Eles sabem que está na Bíblia que divórcio é pecado. Se a régua é a Bíblia, então o divórcio é pecado.

Mel Rosário: É pecado também. Você quer falar de mim? É igual Magno Malta. Magno Malta tá no quarto casamento, está todo em pecado e quer falar: "Família é plano de Deus". Então vai honrar a família que tem, né não?

Flora Thomson-DeVeaux: A Mel podia tá do lado de fora da igreja, mas ela tava fazendo o protesto dela nos termos da igreja.

Mel Rosário: A minha vida, pra falar a verdade, era a igreja. Era isso, não ia para outro canto. Era só a igreja. Eu gostava, né.

Flora Thomson-DeVeaux: Tem uma coisa que você pode estar se perguntando. Como que ela podia gostar de lá? Por que que ela não tinha metido o pé antes, e por que ela queria tanto estar naquele lugar que tinha rejeitado ela?

Tati Franklin: Todo mundo tem uma coisa pra dizer sobre essa luta dela – "Ah, por que que ela não vai para outra igreja?" "Ah, nada a ver ela ficar aí". "Ah, por que frequentar um espaço que não te quer?"

Então, tipo, era uma chance dela contar também a história da versão dela.

Mel Rosário: Deus, pai de Jesus Cristo, disse que: "Na minha casa, venham todos, todos, todos". Quando ele chama todos, ele não faz acepção de pessoas, porque Deus não faz acepção de pessoas.

Flora Thomson-DeVeaux: E qual era sua história com a fé antes disso?

Mel Rosário: Sempre foi...

Flora Thomson-DeVeaux: A Mel tava com um sorriso enorme na cara durante a entrevista quase toda. Mas quando eu fiz essa pergunta, o sorriso se desmanchou.

Mel Rosário: Sempre amei muito as coisas de Deus. [Começa a chorar] Perdoa.

Flora Thomson-DeVeaux: A mãe da Mel é testemunha de Jeová, então ela cresceu dentro da igreja.

Mel Rosário: Eu sempre gostei muito das coisas de Deus. Houve uma época que, por causa de rejeição, na igreja evangélica... Eu não tinha nem me assumido porque eu tinha medo, porque eu sabia que seria bem pior, mas as pessoas percebiam. Eu fiquei muito tempo pedindo a Deus a morte.

Flora Thomson-DeVeaux: Quando a mãe da Mel aceitou a identidade dela, isso ajudou bastante. Ela chegou a peregrinar por algumas denominações ao longo da vida. Mas ouvindo ela, é claro que a fé dela é tão imutável quanto a identidade dela. Faz parte da identidade dela, na verdade.

Waldemir Motta: E eu falei para ela o seguinte: "Olha, a primeira coisa que vão perguntar é: 'Por que você não troca de igreja?'" Porque, afinal de contas, a Assembleia de Deus tem pelos quatro cantos da cidade.

Flora Thomson-DeVeaux: Esse é o Waldemir Motta.

Waldemir Motta: Sou advogado há quase 30 anos.

Flora Thomson-DeVeaux: E desde 2016, ele tá representando a Mel nessa causa. Porque, além de estar na calçada em frente à igreja, essa briga também tá nos tribunais.

Waldemir Motta: Está na Constituição Federal, no inciso oitavo da Constituição Federal, está escrito aqui, vou até ler pra você: "Ninguém será privado de direito por motivo de crença religiosa, convicção filosófica ou política".

Flora Thomson-DeVeaux: Ainda antes do primeiro filme em que ela apareceu, logo no começo da confusão toda, a Mel começou a acionar todo mundo que ela pudesse pensar – o Conselho de Direitos Humanos da prefeitura, o Ministério Público, e até o Procon, quando a igreja se recusou a deixar ela comprar um livro que eles tavam vendendo.

Já a igreja processou ela por danos morais, difamação, e depois perturbação ao culto. E a Mel processou de volta, pedindo o direito de assistir aos cultos.

Tati Franklin: Ela abria um, e a igreja abria outro. E aí a motivação era– e aí um anulava o outro.

Waldemir Motta: Eles alegavam que ela atrapalhava os cultos.

Tati Franklin: Mas aí a gente entra nessa questão: o que é perturbar o culto? Porque é ela ser quem ela é era perturbar o culto, né?

Flora Thomson-DeVeaux: Pelo que eu li nos autos do processo, as pessoas diziam que a Mel gritava. Que ela gesticulava. Que ela gargalhava.

E essas mesmas pessoas também diziam que isso era comum durante os cultos. Mas que a Mel... exagerava. Elas não conseguiam dizer exatamente como.

Tem uma frase nos autos que diz assim: *“Que durante o culto as pessoas dão glória a Deus, mas tudo em ordem e decência”*.

Joana Zylbersztajn: Então, é muito comum as igrejas traduzirem os argumentos religiosos pra argumentos civis e jurídicos. Então, de fato, eles não vão falar: “Não queremos essa pessoa aqui porque ela é uma mulher trans”.

Flora Thomson-DeVeaux: Essa é a Joana.

Joana Zylbersztajn: Eu sou Joana Zylberstzajn, sou advogada de direitos humanos, tenho uma consultoria pra empresas em direitos humanos...

Flora Thomson-DeVeaux: E eu chamei a Joana pra tentar me ajudar a entender onde um direito começa e outro direito termina nesse caso.

Joana Zylbersztajn: Meu doutorado é sobre Estado laico e liberdade religiosa.

Flora Thomson-DeVeaux: A Joana não tinha ouvido falar desse caso da Mel, mas eu dei um resuminho por alto.

***Flora Thomson-DeVeaux:** Primeiro que eles convidaram a Mel para fazer parte da congregação...*

Flora Thomson-DeVeaux: E aí Joana pegou essa briga entre a Mel e a igreja e traduziu pra mim em termos constitucionais.

Joana Zylbersztajn: Aqui a gente está diante de um caso clássico de colisão entre direitos fundamentais. O direito de personalidade da Mel, por outro lado, o direito religioso e de liberdade de expressão religiosa da igreja.

Flora Thomson-DeVeaux: Eram justamente esses mesmos direitos que tavam em jogo na decisão recente do Supremo Tribunal Federal que criminalizou a homofobia e a transfobia.

Joana Zylbersztajn: Com essa decisão, ele equiparou a LGBTfobia ao crime de racismo. Só que, nessa decisão do STF, tem uma ressalva explícita sobre a questão religiosa.

Flora Thomson-DeVeaux: Na decisão, o STF diz mais ou menos assim:

Joana Zylbersztajn: A instituição religiosa não precisa ser contrária às suas crenças e as suas convicções, mas ela não pode criar um discurso de ódio, discriminação e violência contra nenhuma pessoa, seja público ou privado.

Flora Thomson-DeVeaux: Ou seja: a igreja tem o direito de pregar que a transexualidade é pecado, mas não tem o direito de incitar violência contra uma pessoa trans. Só que, assim como a gente viu no caso da Mel, esse terreno é pantanoso.

Joana Zylbersztajn: É complexo.

Flora Thomson-DeVeaux: Pra Joana, o nó da laicidade é difícil de desemaranhar por alguns motivos. Em primeiro lugar, o Brasil nunca chegou a ter uma separação de fato entre igreja e Estado. E, além dessa realidade histórica, no caso do Brasil, o debate sobre o lugar da religião na esfera pública nunca é simples.

Joana Zylbersztajn: Ainda que a gente queira deixar a religiosidade exclusivamente no âmbito privado, isso é impossível na vida real, porque as pessoas carregam a sua religiosidade. Quando elas entram numa repartição pública, elas não deixam a religião do lado de fora, elas levam com ela. A religião, ela não pode permear as decisões e instituições públicas, mas é impossível excluir a religião da vida pública. E quando a gente consegue entender isso e se consegue aceitar isso, a gente consegue também definir melhor os limites do que a gente está falando.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu lembro de sempre acompanhar casos, nos Estados Unidos, sobre a presença de uma cruz em terra pública, sobre monumento aos Dez Mandamentos em frente a tribunal, sobre oração em escola... – todos exemplos da fé entrando na esfera pública.

O caso da Mel me pareceu uma inversão curiosa – uma cidadã pleiteando pro Estado o direito de entrar num templo privado. Mas a Joana explicou que essas são duas coisas diferentes.

Joana Zylbersztajn: Se você tem uma loja e você quer contratar uma vendedora, você não pode falar: “Eu quero uma vendedora branca”. É proibido. Isso é discriminação racial. Então, mesmo na esfera privada, você tem limitações da tua atuação. Você não pode discriminar, ainda que seja uma loja, uma empresa privada. Então a Igreja também não pode discriminar.

Flora Thomson-DeVeaux: Nos tribunais, no caso da Mel, tudo foi andando bem devagar, com muitas acusações de parte a parte.

Numa determinada altura, eles chegaram a assinar um acordo judicial – dizendo que a Mel podia voltar a frequentar a igreja, contanto que ela não perturbasse mais o culto, e que a ela não sofresse transfobia lá.

Waldemir Motta: A Mel voltou para a igreja... voltou para a igreja e começou tudo de novo.

Flora Thomson-DeVeaux: Logo depois desse acordo, veio a pandemia. E aí a igreja botou um sistema de biometria pra acesso... e se recusou a cadastrar a Mel.

Waldemir Motta: Resultado: a Mel voltou para fora da igreja, continuou com os cartazes na porta. Toda noite ela estava lá.

Flora Thomson-DeVeaux: Dá-lhe cartazes, dá-lhe protesto. Toda noite, até que a porta se abra de novo.

A Mel é bem sincera, sem papas na língua. Lendo os autos do processo, eu li uma frase que ela disse numa audiência, que eu achei reveladora – e com a qual eu me identifiquei também.

Diz assim: que a Mel *“admite que quer frequentar os cultos da igreja referida porque a atitude fez com que gerasse uma ‘picuinha’ por parte da depoente, que agora quer continuar a ser aceita pela igreja referida, por entender que é uma questão de direito”*.

Nada contra picuinhas. Grandes causas foram empreendidas e ganhas ao longo da história por causa de picuinhas. Eles que convidaram a Mel pra entrar na igreja. Agora não ia ser ela que ia dar meia volta e desistir.

Mel Rosário: Não é porque aquela igreja lá é melhor. É porque ali é direito do humano, direito ao culto, direito de ir e vir, liberdade de se expressar.

Tati Franklin: Não era sobre entrar nesse lugar, mas que era sobre entrar onde ela quisesse. Enfim, ter o direito de frequentar os espaços que ela deveria ter direito.

Mel Rosário: Lá dentro, estar lá dentro é uma outra questão. Aqui fora eles estão com Deus do mesmo jeito, então não tem importância. Eu estou assistindo culto em pensamento. Eu não saí da igreja. Hoje eu

ainda sinto que eu não saí da igreja. E essa é a verdade. Eles me tiraram.

Flora Thomson-DeVeaux: Tem uma cena no filme que a Suellen e a Tati fizeram – o “Toda noite estarei lá”. A cena é curtinha, mas me marcou quando eu assisti. A Mel tá lá na rua escura, na calçada, segurando um cartaz. A câmera tá a uma certa distância dela. Daí um carro para na frente dela. E dá pra ouvir a pessoa no carro perguntando: “Você voltou?”

***Mel Rosário [Filme “Toda noite estarei lá]:** Voltei! Voltei, até que eles aprendam a amar.*

Flora Thomson-DeVeaux: Então até o fim das filmagens tava nesse empate de forças...

Tati Franklin: Segue, segue assim.

Flora Thomson-DeVeaux: Tá na mesma.

Tati Franklin: Mas é isso, o advogado dela, ele quer ir até a última instância, então ele pretende ir pro STF.

Waldemir Motta: Como o caso da Mel é constitucional, isso vai acabar no Supremo. E eu vou lá em Brasília. Eu vou falar lá também, porque eu gosto de uma briga. [ri]

Flora Thomson-DeVeaux: Enquanto o Supremo não vem, a Mel tá viajando o país, promovendo o filme. Pelas manifestações-performance que ela faz no documentário, ela até ganhou um prêmio de melhor atriz no Festival Olhar de Cinema.

Mel Rosário: Eu sozinha, sozinha, ali, fazendo protesto, jamais poderia imaginar que eu ia virar atriz, né?

Tati Franklin: Agora mais ainda, porque agora que tem o filme ela ganha uma força, e ela vai para a porta da igreja com cartaz com o nome do filme, e escreve aonde que o filme tá, e por aí vai.

Suellen Vasconcelos: Ela já escreveu na rua e no asfalto: “Estamos em Fortaleza”. Tem um cartaz dela que diz: “O cinema de porta aberta para nós”.

Branca Vianna: Essa história foi produzida pela Flora Thomson-DeVeaux, diretora de pesquisa da Novelo.

O segundo ato do episódio de hoje se passa inteiro dentro de outro tipo de escuridão – a longa noite de inverno que é a depressão.

Mas não se preocupe, que essa história não é só choro e ranger de dentes. Ela também tem melancia, galinha, e sorvete. E ela ajuda a lembrar que é nas noites mais escuras que dá pra ver melhor as estrelas.

Quem conta pra gente é a Vanessa Barbara.

ATO 2 - NO SUBMUNDO COM BATATA

Vanessa Barbara: Eu sofro de depressão faz pelo menos uns vinte anos. É uma depressão crônica, unipolar, resistente a tratamentos, dessas que fazem a gente sair por aí com uma bigorna presa em cada pé.

Tem dias ruins e dias piores. Tem dias em que não consigo sair de casa, e em outros não consigo lavar o cabelo – não sei bem por quê, mas existe alguma coisa particularmente difícil nessa industriosa atividade. Você já parou pra pensar no trabalho que dá para lavar o cabelo?

Tem que botar a cabeça inteira debaixo do chuveiro.

Depois passar shampoo.

Enxágua.

Aí passa o condicionador.

Enxágua de novo.

Enrola na toalha.

Passa creme.

Passa frio.

Penteia.

E aí você ficou com o cabelo encharcado, aquela coisa desagradável pingando nas costas, ainda mais para quem tem um cabelo razoavelmente comprido e é friorenta.

É muito cansativo.

Envolve várias etapas.

E no dia seguinte ele já tá oleoso.

No romance *A redoma de vidro*, a poeta Sylvia Plath diz, nas palavras da narradora, que “*a razão pela qual não lavei minhas roupas ou meu cabelo é que me parecia uma bobagem. [...] Me parecia uma bobagem lavar em um dia se no dia seguinte eu precisaria lavar de novo. Eu ficava cansada só de pensar. Queria fazer tudo de uma vez e acabar logo com isso*”.

A escritora Elizabeth Wurtzel, em *Nação Prozac*, concordava: “*Você sabe que desabou completamente na loucura quando a questão do xampu atingiu níveis filosóficos*”.

Sylvia Plath, todo mundo sabe, sofria de depressão e se suicidou no inverno, durante uma crise forte em que tudo parecia tá dando errado. Ela tinha enfrentado uma separação traumática, com traição e tudo, do também poeta Ted Hughes. Ela tava cuidando sozinha de dois filhos pequenos, de um e três anos. Ela não tinha dinheiro. Ela tentava escrever, mas só recebia negativas dos editores. Quando ela se matou, tomou o cuidado de selar a porta do quarto dos filhos, que tavam dormindo, e deixou preparadas duas mamadeiras de leite e pão com manteiga.

Eu penso sempre na Sylvia Plath e no perrengue que ela passou nos últimos meses de vida dela. Em como é difícil cuidar dos outros quando a gente mal consegue cuidar de si mesma, em como é difícil escrever e criar nesse estado, e lavar o cabelo, e atravessar o inverno. Minha filha nasceu justamente nessa estação do ano: foi em junho, na noite de São João. Eu já tinha um bom histórico depressivo – quinze anos de experiência! –, tomava remédios, fazia terapia, mas nada teria me preparado para a nevasca daquele inverno.

É claro que não dava para conter tamanha avalanche: a severa privação de sono, os hormônios em descontrole, o leite, que era escasso, o bebê que não parava de chorar. Eu caí numa depressão pós-parto de proporções mitológicas. E já que tava no campo da mitologia, eu pensei que poderia sobreviver contando histórias.

Vanessa Barbara: Aqui estamos às 6h20 da manhã, os zumbis chegaram no hotel... Os zumbis chegaram no hotel!

Vanessa Barbara: Peço desculpas pelo tom de voz, mas eu tava interagindo com um bebê.

Vanessa Barbara: Só eu e neném sobrevivemos. Faz cara de sobrevivente do ataque zumbi, filha.

Vanessa Barbara: Essa sou eu no fim daquele ano, quando eu e o meu parceiro levamos a bebê para passar uns dias em um hotel em Mairiporã, aqui pertinho de São Paulo, sob o pretexto de descansar.

Foi um sufoco. Ela acordava antes de amanhecer; eu saía com ela para passear enquanto o pai tentava dormir mais um pouco. Geralmente o hotel tava deserto. Numa dessas manhãs, eu resolvi gravar um vídeo para me distrair.

Vanessa Barbara: Logo após o ataque de zumbis no hotel, o bebê e a mãe do bebê resolvem assaltar uma lancha e saírem por aí fugindo do ataque dos zumbis. Vamos lá, bebê, você já sabe dirigir, não sabe? Vamos ver o que o bebê tem a dizer disso. Bebêee...

Vanessa Barbara: Ela não tinha ainda seis meses e olhava para mim com ar sério.

Vanessa Barbara: Nós vamos pegar ali o barco e vamos sair correndo eu e o bebê, e os zumbis não vão nos pegar... rárará!

Vanessa Barbara: Pensa numa bebê séria me encarando de volta. Esse vídeo resume bem o meu puerpério (que é o período imediatamente após o parto) e os meses que se seguiram: foram manhãs geladas de solidão e privação de sono, enquanto o resto do mundo parecia ter sido dizimado por um ataque zumbi. Só que, no meu dia-a-dia, em casa, não tinha som de passarinhos ao fundo.

Eu empurrava a poltrona de amamentação para a parte menos fria do apartamento – de frente para uma parede – e dormia sentada, a cabeça mal apoiada, sonhando que eu deixava a bebê cair no chão. Eu revezava com o meu parceiro, mas nunca era o suficiente. Até hoje nenhum dos dois tem memórias muito claras desse período, em que a gente vivia alucinando de sono.

Numa dessas manhãs (ou tardes? ou noites?), eu decidi começar a contar para a minha filha histórias aleatórias, só pra me sentir menos sozinha e desviar meus pensamentos tristes.

As histórias me ajudavam durante as trocas noturnas de fralda, principalmente quando eu também precisava trocar a roupa de cama encharcada e distrair uma bebê indignada e com frio. As histórias me ajudavam a preencher o silêncio daquela depressão ruminativa, encurralada, angustiante.

Ela prestava atenção – primeiro para a minha entonação e depois para a narrativa, assim que ela começou a entender o que eu tava dizendo. Eu contei histórias do dia em que escorreguei de um barco, do dia em que meu ônibus pifou num cruzamento, do dia em que confundi maçãs com tomates, do dia em que dois baldes saíram voando pela nossa janela... qualquer coisa.

Ela amava a história de um amigo que foi picado por uma abelha e continuou jogando vôlei com o pé inchado; era gráfica, era heroica, era divertida. As palavras, novas e antigas, pareciam nos trazer grandes possibilidades para o futuro.

Ela tava aprendendo a falar e a andar.

Ela já entendia tudo o que a gente dizia.

Ela tinha sido matriculada na creche.

Dali para frente, tudo ia melhorar.

E enquanto eu conto esta história, eu confesso que omiti de propósito um detalhe, um pequeníssimo adendo sobre a cronologia dos acontecimentos: é que, bem quando as coisas iam melhorar, a gente tava começando gloriosamente o ano da graça de 2020. E aí a Covid chegou.

Batata: O *toonaviss*.

Vanessa Barbara: Isso, o coronavírus. Pelo menos ela já sabia pronunciar o nome completo da nossa desgraça. Enfim, a pandemia de Covid chegou quando minha filha tinha um ano e meio, e tudo foi para a cucuia mais uma vez.

No meio de uma nova rodada de isolamento e depressão, valia todo tipo de narrativa que estivesse à mão. A gente lia as bulas dos remédios, por exemplo, e os folhetos com as ofertas do supermercado. Todas as noites, a gente passou a observar o céu da nossa varanda pequenininha: ela amava ver um planeta bem específico, o mais brilhante de todos.

Batata: O Vênus...

Pai: Quando?

Batata: Quando ficar de noite, papai. Quando ficar de noite, ver o Vênus, papai.

Pai: Ah, entendi.

Vanessa Barbara: Ela se preocupava com o fato de Vênus não ter nenhuma lua.

Batata: 'Não tem nenhum amigo, tem *asteroidi*'.

Pai: Tem asteroide?

Vanessa Barbara: Não tem nenhuma lua, não tem “nenhum amigo”, mas tem um asteroide.

Batata: Tem um só. Um amigo só.

Vanessa Barbara: Um amigo asteroide.

Batata: Amigo asteroidi.

Vanessa Barbara: Nas noites nubladas, ela ficava chateada – a palavra certa é pistola, ela ficava pistola, mas essa palavra ainda não tá dicionarizada nessa acepção – ela ficava pistola porque não tinha nada para ver no céu.

Vanessa Barbara: Explica pro papai o que que aconteceu.

Batata: A nuvem cobriu o Vênus.

Vanessa Barbara: “A nuvem cobriu Vênus”.

Pai: Poxa vida, e agora?

Batata: O vento vai assoprar!

Vanessa Barbara: Tradução: O vento vai assoprar – no caso, a nuvem. Como se vê, apesar de ter uma personalidade um tanto colérica, ela ainda acreditava em finais felizes.

Eu contei pra ela o enredo de um livro do escritor russo Ivan Goncharov, que tava na minha mesa de cabeceira e que fazia todo sentido naquele momento de isolamento pandêmico.

Batata: O Oblomov não quer sair da caminha dele, o Oblomov. Era o meio-dia.

Vanessa Barbara: O protagonista, Ilya Ilyich Oblomov, se recusa a sair do quarto; ele leva dezenas de páginas pra passar da cama pra uma cadeira. “E era o meio-dia”, diz o início do livro.

Minha filha gostava de pegar uma flanela molhada e tirar o pé dos móveis do quarto enquanto conversava com o Oblomov. E ela adorava fingir que estávamos presas em casa não por conta da pandemia, nem por conta da minha depressão, mas porque éramos personagens de uma novela russa.

“Oblomov, vamos andar de roda-gigante”, ela sugeria, animada, ou “Vamos ver o mar”, que eram as coisas mais aventurescas que ela podia cogitar no meio da quarentena. Mas o Oblomov não queria sair da caminha dele. (A propósito: eu super entendo essa *vibe* do Oblomov.)

Minha filha, que agora já tinha dois anos e que aqui vou chamar pelo codinome Batata, porque esse era o apelido dela, gostava de exercitar suas faculdades literárias em qualquer lugar, inclusive no banho.

Ela bolava uns enredos melodramáticos envolvendo a jornada fatídica de um boneco pelado, por exemplo, nesse raro áudio que eu consegui gravar:

Batata: Ele só tá chorando porque ele bateu aqui na pontinha do agutinho, e aí ele pum pum pum e chorou.

Vanessa Barbara: “Soiô” é “chorou”, tá? O boneco peladinho tá chorando.

Batata: Ele tá chorando, Benê! Ele tá chorando. Pega ele no colo.

Vanessa Barbara: Obedeci às orientações da diretora e fui consolar o Peladinho. Mas não adiantou muito, porque ele acabou tendo um fim trágico.

Batata: Opa, e aí eu caí, e ele... blé.

Vanessa Barbara: [ri]

Vanessa Barbara: Como a Batata ainda era muito pequena, ela não entendia por que às vezes me faltava energia para inventar histórias. Até as mais curtinhas. “Por que a mamãe chora o tempo todo?”, ela perguntava.

Eu respondia que tinha uma doença, mas que tinha médicos e remédios pra me ajudar. “E nem é o tempo todo!”, eu dizia. “Agora, por exemplo, eu não tô chorando. Viu?” Ela me encarava como se eu fosse uma bomba-relógio prestes a detonar.

A minha depressão era como o clima: ninguém sabia se o inverno ia chegar forte ou suave, se ia chover fininho ou cair uma tempestade. Apenas acontecia.

Mas dava para se preparar um pouco. Tínhamos cinco guarda-chuvas em casa, incluindo um tão grande que quase precisava de um alvará da prefeitura para circular. Quando o tempo fechava e a previsão era de tormenta, eu dormia bastante, tipo a tarde inteira, até acordar um pouco menos exausta.

Lembrei da Clarice Lispector, que disse, numa carta pra irmã, durante um episódio depressivo: “É um esforço que eu faço para viver. Meu impulso de todos os momentos é ir embora”.

Nos diários do Franz Kafka, ele parecia sempre cansado e só se recuperava dormindo. “Quanto esforço para permanecer vivo!”, ele chegou a escrever.

Nos momentos mais agudos, eu chorava muito e minha filha ficava impressionada. Ela tentava tomar alguma providência. Ela atravessava a sala correndo para segurar a minha mão, fazer carinho no meu braço ou me dar uma florzinha de plástico. Ela contava a única piada que sabia: a do elefante que passava por baixo da porta dentro de um envelope. Ela corria até o meu quarto e pegava da gaveta uma meia de lã bem grossa. “Não precisa chorar se você tem um balão”, ela me ofereceu outro dia. Era uma bexiga amarela com o rosto dela desenhado com canetinha.

Mais tarde, ela desenvolveu uma espécie de detector psiquiátrico materno que apitava com uma precisão admirável.

Aconteceu pela primeira vez numa noite em que eu tava tentando convencê-la a sair da privada pra escovar os dentes. Ela chutou o degrau de apoio dos pés e deu um berro. Já passava das dez, e eu tava mais exausta que o Kafka. Meu olhar perdeu o foco. Minha atenção foi deslizando em direção a algum sulco cerebral habitado por desesperança e morte.

A Batata percebeu na hora. Ela mudou o tom de voz e perguntou por que eu tinha ficado triste. Eu mesma tava me perguntando isso. O que eu tinha ido fazer de repente no fundo daquele abismo — que sempre me pareceu fisicamente concreto —, chafurdando num pântano com os meus piores traumas? Era um mecanismo quase automático de desamparo, aprendido ao longo das décadas de depressão.

Outro detalhe que omiti até agora é que tenho a mesma profissão do Kafka, da Clarice, e da Sylvia Plath: eu sou escritora. E também jornalista. Pior: eu sempre trabalhei como freelancer.

Poucas semanas depois do parto, eu voltei a escrever os meus artigos mensais sobre cotidiano, política e cultura pro *New York Times*, já que eu recebia por publicação.

Eu só consegui concluir minha primeira reportagem maior, para a revista *piuí*, quase um ano depois, porque eu tava escrevendo aproximadamente uma página por mês.

Eu nunca tive direito a plano de saúde, a décimo terceiro, a licença médica. Durante a pandemia, eu tentei produzir o que dava naquelas circunstâncias, sempre de madrugada, sempre sofrendo. Eu consegui manter essa produção a um custo bem alto, mas não fazia nada além do necessário e vivia resfriada. E ainda assim, a Batata me exigia muito profissionalmente.

Ela pedia o tempo todo pra eu contar “uma coisa errada” (quer dizer: uma história fictícia) que fosse “bem comprida e difícil de entender” (ou seja: envolvendo muitos personagens e reviravoltas). Às vezes ela me interrompia para dizer: “Não, outra! Uma história sem pessoas.” Ela era uma agente literária das mais duronas, que me obrigava a trabalhar nos fins de semana e dava escândalo quando eu não correspondia às expectativas dela.

Com o tempo, a Batata também virou editora. E era muito mais difícil de agradar do que o Max, a Alicia e o Tim, meus chefes no *New York Times*. Ela começou a intervir em tudo: no enredo, no gênero, nos diálogos, nos personagens. Ela exigia determinados adereços e cenários. “Agora eu quero uma história triste com o Chico Bento,” ela pediu um dia. “E ele canta!”

Entre os membros recorrentes do elenco das histórias dela, incluem-se Greta Thunberg, a ativista ambiental, Ilya Oblomov, o personagem russo parádico, e a turma do Mickey. O autor que se desdobrasse para inventar uma trama com todo mundo junto.

As nossas epopeias da vida real também entravam pro cânone e eram recontadas um milhão de vezes, para todo mundo que quisesse ouvir. Inclusive viravam episódios de outras narrativas.

Um dia, quando a minha filha voltou a frequentar a escola, quase um ano depois do início da pandemia, a gente ficou preso numa enchente quando desceu do ônibus. A gente se abrigou na entrada de um prédio, e passou um tempão ali, esperando a água baixar. Ela quis mandar uma mensagem em áudio pro avô:

Batata: Vovô Carlos, a rua virou um rio... Levou as melancia. Levou um pedaço de melancia, né? Beijo, tchau.

Vanessa Barbara: Depois disso, nem sei dizer em quantas outras histórias “a casa virou um rio”, “o céu virou um rio”, “a mamãe virou um rio” e, claro, “levou as melancia”. Eu gosto da precisão factual: “levou um pedaço de melancia, né?”.

O próprio ritual da leitura fazia parte das fabulações. Certo dia, o ursinho Blau-Blau não queria dormir e pediu que a mãe dele – no caso, a Batata, no auge de seu vigor pedagógico – lesse mais histórias de um livro, que na verdade era uma agenda velha sem nada escrito. Ainda assim, ela acompanhava as linhas imaginárias com o dedo para fingir que estava lendo.

Batata: Era uma vez um sapinho muito bonitinho, mas o Blau-Blau fez uma maluquice e ele também ficou zangado, mas de repente... bam! Caiu um lenço amarelo no chão. Também caiu um rosa, azul, vermelho, laranja, arco-íris! Não sei mais qual cor que foi.

Vanessa Barbara: Anil, violeta...

Batata: É porque nessa história é assim. Pronto, acabou.

Vanessa Barbara: Mais uma, mais uma!

Batata: Não vai ler história amanhã!

Vanessa Barbara: A Batata sempre foi uma mãe e profissional mais durona do que eu.

Batata: Só mais uminha, tá? Só mais uminha, hein? Só você ficou aqui, hein? Mamãe já tá cansada. Eu acho que a mamãe, no meio da história mamãe vai dormir.

Vanessa Barbara: Também era comum ela se encher de uma determinada história e desistir no meio, passando para outra brincadeira. Sem nenhum respeito pela plateia, que aguardava o desfecho com grande curiosidade.

Batata: Vamos terminar essa história e outro dia a gente descobre. Agora vai ser outra história.

Vanessa Barbara: Hoje a Batata é uma criança de seis anos que sabe ler, escrever e construir uma narrativa coesa com um fino senso de estrutura e unidade aristotélica. Tempos atrás, a gente tava voltando da escola quando ela decidiu inventar uma história dentro do ônibus lotado.

Eu pedi pra ela falar mais baixo, sem sucesso. Numa certa altura, tava todo mundo numa “caverna bem funda com um gigante e um sorvete enorme, que na verdade era um monte de baldes de sorvete”.

Tinha uma moça do nosso lado que não conseguia parar de rir, principalmente quando veio a reviravolta. Uma galinha apareceu do nada, sem explicação nenhuma. Foi uma comoção. A gente desceu no penúltimo ponto, então a maioria dos passageiros ficou sem saber o final.

Assim como outros escritores, eu também recorria à mitologia grega, esse repositório aparentemente infinito de tramas mirabolantes, reviravoltas e tragédias. Em busca de inspiração, eu comecei a maratonar o podcast *Noites Gregas* e a pesquisar feito doida.

Li tudo que me caía nas mãos sobre o tema. Outro podcast que ouvi de cabo a rabo foi o *Natalie Haynes Stands Up for the Classics*, da BBC, em que a classicista e escritora britânica apresenta números de comédia stand up sobre temas como: mulheres espartanas, Pompéia, Jocasta e Aristófanes.

Mas tudo começou com a história de amizade entre Damão e Pítias, que li em uma reportagem aleatória sobre um espião cipriota na revista *New Yorker*. É uma lenda tão boa que vale contar inteira. Ok, talvez seja só uma desculpa pra convidar o Professor Moreno, do *Noites Gregas*, pra contar esse mito pra gente.

Professor Moreno: *Esse mito conta a história de Damão e Pítias, dois amigos que viajaram até Siracusa, pra estudar filosofia. E lá, Pítias por criticar o rei Dionísio, que era um tirano horrível, acabou sendo condenado à morte. Ele aceita filosoficamente, e com dignidade, a sentença. Mas ele pede ao rei que deixe ele dar uma passada na Grécia, porque ele tem pais muito velhinhos, e ele gostaria de se despedir deles, e que eles o vissem antes que ele morresse. Depois ele ia voltar. Evidentemente que o rei achou graça: “Ah, tá pensando que eu sou otário. Depois que tu saíres daqui, nunca mais eu ponho as mãos em ti. É claro que não” É quando intervém o amigo Damão e diz: “Não, majestade. Eu fico. Eu fico como refém, e se ele não chegar no dia que o senhor marcar, o senhor vai ter ao menos alguém cuja a cabeça poderá cortar.” Esse rei era extremamente desconfiado, mas por isso ele fica muito curioso com a proposta. E ele resolve aceitar, só pra ver no que ia dar. Ele aceitou o acordo. Então tranca o Damão. Se fizesse um bolão na cidade, todo mundo ia apostar que Damão, em breve, ia ver a grama nascer por baixo, como se diz. Quando chega o dia fatal, na hora H, quando já terminava os preparativos para a execução do Damão, ele chega. Chega esbaforido, extenuado, desfigurado, ofegante, e se atira ansioso aos pés do Dionísio e diz: “Olha, majestade, desculpa o atraso, eu passei por poucas e boas nessa volta. Fomos atacados por piratas, depois naufragou o nosso navio. A única coisa que me mantinha lutando sobre as águas era saber que a vida do meu amigo que estava correndo perigo.” Dionísio ficou tão espantado com o gesto, tão comovido que esse gesto de lealdade entre amigos, que perdoou o prisioneiro e liberou os dois,*

declarando, diz alguns, que se pudesse ele gostaria muito de fazer parte dessa amizade.

Vanessa Barbara: Acho que essa história foi a faísca que reacendeu o meu interesse pelas narrativas da mitologia grega. E do nada, tudo começou a se encaixar: o Caos, o Tártaro, o puerpério, Sísifo, Kafka, Ulisses, os tampões de ouvido, as amazonas... Se eu não conseguia superar a depressão, pelo menos podia tentar criar alguma outra coisa a partir dela.

Uma coisa bela a partir de algo que é eminentemente destrutivo. Então, ano passado, eu sentei para escrever um romance sobre depressão, maternidade e literatura.

Deu um trabalho desgraçado. Eu pensava em desistir uma vez por mês. O livro foi publicado em maio de 2024 pela editora Fósforo: se chama *Três camadas de noite*.

O título se refere ao Tártaro, uma espécie de submundo da mitologia grega onde estão as cavernas e os poços mais profundos, úmidos e frios do planeta, pra onde todos os inimigos dos deuses são enviados e onde eles são castigados pelos seus erros.

O Tártaro é isolado por uma cerca de bronze e por um colar com três camadas de noite. Esse era o lugar onde eu fui morar desde que virei mãe, considerando o isolamento da pandemia e o peso da minha depressão. Nas palavras do poeta Hesíodo – só mais um chorinho do Professor Moreno, vai:

Professor Moreno: *“Pois uma bigorna de bronze caindo do céu por nove noites e nove dias atingiria a terra no décimo; e novamente, uma bigorna de bronze caindo da terra por nove noites e nove dias alcançaria o Tártaro no décimo”.*

Vanessa Barbara: De acordo com o que eu podia inferir, a maternidade só podia ser um castigo dos deuses, que por uma razão ou outra me condenaram ao Tártaro daquele apartamento: acordar, cuidar, limpar, cozinhar, costurar, dormir e repetir tudo no dia seguinte. Sem folga. Sem poder enxergar o céu direito.

Eu era uma das Danaides tentando encher um tonel furado, ou um Ocno tecendo uma corda enquanto um burro comia essa mesma corda. O escritor francês Albert Camus dizia: “É preciso imaginar Sísifo feliz”. (Não consta que ele tenha sido mãe.)

Contar histórias me ajudou a sobreviver nesses últimos anos. Para mim, não é terapêutico; é só o que é possível. Dizendo de outra forma, não é que eu tenha saído saltitando pelo mundo com lepeidez e alegria. Pelo contrário: eu mal saí do lugar.

Tem sido, sim, uma marcha arrastada num campo de neve, com uma criança no colo, sem os trajés adequados, e eu não sei exatamente para onde eu tô indo porque a franja caiu no olho. Talvez eu esteja andando em círculos.

E apesar disso, foi a Batata que me ensinou como terminar uma narrativa complexa quando você tá desesperado e sem nenhuma ideia de como continuar: ela simplesmente aparece, voando, como artifício de resolução de enredo.

Isso se chama *Batata ex machina*. Funciona sempre. E faz a história seguir adiante – mesmo quando a narradora não tem forças nem para lavar o cabelo.

Branca Vianna: Essa foi a Vanessa Barbara, colaboradora da Novelo.

De novo, o livro dela se chama “Três camadas de noite”, saiu agora em maio pela Editora Fósforo – e eu recomendo demais a leitura. O livro é muito bom.

Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Essa semana, no nosso site, dá pra ver o primeiro documentário em que a Mel Rosário apareceu, e o trailer do “Toda noite estarei lá”. Também tem o link pro livro da Vanessa Barbara e pra outros textos dela.

Aproveita que você tá aí pertinho do celular, e segue o Rádio Novelo Apresenta no aplicativo que você usa pra ouvir podcast. E, se ainda não faz isso, segue a gente no WhatsApp, pra receber o link do episódio da semana, dicas culturais da nossa equipe – e, de vez em quando, um áudiozinho contando bastidores do programa. No site da Novelo, tem um passo-a-passo pra você achar a gente lá no WhatsApp.

Se você gosta do nosso trabalho e quer ficar mais perto, você pode se inscrever no canal da Novelo no YouTube, seguir a gente no Spotify, no Apple Podcasts, favoritar na Deezer...

E se você quiser falar com a gente, é só marcar @radionovelo no Twitter ou no Instagram, ou mandar um e-mail pra apresenta@radionovelo.com.br. Foi assim que o Mateus Ribeiro sugeriu que a gente contasse a história da Mel Rosário – muito obrigada, Mateus.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux.

A produção executiva é da Marcela Casaca, e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães, a Sarah Azoubel e a Carol Pires.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, a Júlia Matos, a Ashiley Calvo e a Carol Moraes.

A checagem deste episódio foi feita pela Caroline Farah.

Nesse episódio, a gente usou música original de Pedro Nêgo, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

A nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

E a nossa estagiária é a Isabel de Santana.

Obrigada, e até a semana que vem.